

## **A FIGURA FEMININA NO SERINGAL: VOZES SILENCIADAS**

*Simone Vieira Nieto Blanco<sup>1</sup>  
Vera de Magalhães Bambirra<sup>2</sup>*

### **Introdução**

O final do século XIX e início do XX caracterizou-se pelo auge da borracha, o início da extração do látex na região Amazônica, fato que despertou o interesse e a ambição de muitos viajantes, porém, historicamente a grande Hiléia sempre aguçou a cobiça de muitos navegantes, inclusive de naturalistas como, por exemplo, Alfred Russel Wallace<sup>3</sup>:

Quando fico pensando no quanto é fácil transformar esta floresta virgem em verdejantes campinas e produtivas plantações, exigindo-se para tanto uma concentração mínima de trabalhos e esforços, dá até vontade de reunir meia dúzia de amigos entusiasmados e diligentes e vir para cá tirar desta terra tudo aquilo que ela nos pode propiciar com fartura. Juntos, mostraríamos à gente do país como seria possível criar aqui um verdadeiro paraíso terrestre a curto prazo, abrindo-lhes os olhos para uma realidade que eles até então jamais conceberam que fosse capaz de existir. (WALLACE, 1979, p.208)

Diante disso, a região amazônica foi sendo construída discursivamente em parte a partir desses olhares que desconsideravam as culturas, as identidades, os povos que a habitavam.

Observando os fatos históricos, aos quais temos acesso, é possível perceber que, na maioria das vezes, são construídos a partir da “visão de cima”, ou seja, dos que detêm o controle sobre as pessoas. Assim, a historiografia tenta apagar os oprimidos, os silenciados. Além do mais, boa parte dos fatos são narrados com base nas escritas de navegadores: homens e europeus. Estes começam a narrar a história a seu modo, impondo sua visão e classificando os sujeitos como civilizados e não-civilizados. E

<sup>1</sup> Mestranda em Letras: linguagem e Identidade pela Universidade federal do Acre. Professora da Universidade Federal do Acre. E-mail: [simone\\_blanco@yahoo.com.br](mailto:simone_blanco@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal do Acre. E-mail: [verabambirra@bol.com.br](mailto:verabambirra@bol.com.br)

<sup>3</sup> Naturalista, geógrafo, antropólogo e biólogo britânico (1823/1866).

dentro desse contexto, ser não-civilizado era não ser europeu.

Diante dessa classificação, os indígenas e as mulheres, por exemplo, por muito tempo, ficaram à margem e suas vozes foram desconsideradas por aqueles que produziram a narrativa histórica.

Especificamente em relação às mulheres, a história de marginalização é contextualizada mundialmente. Como ressalta Michelle Perrot, “Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou “mental”, ela fala do Homem em geral, tão assexuado quanto a Humanidade.” (1988, p. 185)

Retrocedendo à Renascença para exemplificar o “regime cultural da fala” (Breton, 1997), o silêncio era considerado um atributo, um “ornamento” do sexo feminino. Como pode-se observar abaixo:

O silêncio em uma mulher sempre foi um sinal de seriedade e de respeito; falar demais foi sempre um sinal de estouvamento [...] o silêncio é o adorno das mulheres [...] Uma mulher conversadeira poderia ser descrita como *sfrenata di lingua* (de língua desenfreada), como se os homens pensassem que ela precisasse de rédeas e freios em sua língua – uma punição por maledicência que era realmente aplicada em alguns lugares. (BURKE, 1995, p. 170-171)

Durante toda a história da humanidade foi exigido da figura feminina o silêncio que “estava associado à vergonha ou à moderação, qualidades que definiam as mulheres respeitáveis”. (BURKE, 1995, p. 171)

Nos seringais amazônicos, no final do século XIX e início do século XX, a mulher era vista como um ser improdutivo do ponto de vista econômico. No romance *Terra Caída* de José Potyguara, essa visão acerca da mulher se evidencia quando o autor escreve sobre os critérios de escolha dos trabalhadores na indústria da borracha:

O critério rigorosamente econômico da povoação dos seringais era, ali, outro fator de redução do número de mulheres. Os agenciadores que iam ao Nordeste levavam uma recomendação: contratar, de preferência, homens solteiros. Os casados eram mais dispendiosos porque necessitavam de duas passagens, no mínimo. Muitos se sujeitavam a embarcar sozinhos. (POTYGUARA, 2007, p. 15)

Desse modo, a partir da leitura de “*Terra Caída*”, é possível compreender

melhor o processo de exclusão da mulher nos seringais e na história da região. Portanto, essa obra ficcional de Potyguara, além do referencial teórico utilizado, contribuiu para a realização deste trabalho cujo objetivo foi realizar uma reflexão a respeito do silenciamento feminino durante o processo de grande expansão da borracha, conhecido popularmente como “apogeu da borracha”.

O percurso do texto tem início apresentando formas de silêncio com base em estudos realizados por Eni P. Orlandi (2007, 2008), David Le Breton (1997), Peter Burke (1995) e Mikhail Bakhtin (1999). Posteriormente vêm algumas considerações sobre a presença/ausência feminina durante ciclo da borracha e, para isso, houve a recorrência às autoras Michelle Perrot (1988) e Cristina Scheibe Wolf (1999).

## Silenciamento

Durante muitos momentos da história foi imposto ao homem o silenciamento. A religião, por exemplo, representada pela Igreja, durante sua trajetória impunha seu poder através de repressões, torturas e outras formas de coação, inclusive o silêncio.

Ainda sobre o poder da religião, Peter Burke (1995, p. 179) aponta que, “as reformas, católica e protestante, tiveram efeitos sobre o falar e o silêncio da mesma forma que sobre muitos outros aspectos da vida cotidiana”. Assim, tanto a Igreja como outras instituições, recorreram ao silenciamento, uma das formas de dominação mais poderosas.

Mikhail Bakhtin (1999, p. 36), em *Marxismo e filosofia da linguagem*, ressalta que “a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social”, no entanto, o homem, na condição de ser social, precisa se comunicar, e essa habilidade ocorre através da linguagem, que se dá pela palavra oral ou escrita, e também por gestos, imagens, entre outras formas de expressão, inclusive o silêncio.

De acordo com Yvonélio Nery Ferreira (2015), normalmente silenciar-se causa certo desconforto nas pessoas, tende-se a pensar que não há comunicação no silêncio, o que se constitui em um equívoco, partindo do pressuposto de que ele é uma forma de linguagem. Portanto, pode-se afirmar que o silêncio é “um ato de comunicação”. (BURKE, 1995, p. 162)

Nesse sentido, a Análise do Discurso torna-se relevante, uma vez que entende o discurso como prática. Para Eni Orlandi (2007), o silêncio não é só ausência de sons,

mas também algo que significa e que se distingue do implícito, que precisa do “dito” para colocar-se sob o sentido.

A Análise do Discurso também está focada na significação e simbologia das relações de poder e isso se evidencia quando a autora faz referência às formas de silêncio:

O silêncio tem suas formas. Distinguimos pelo menos duas formas de silêncio: 1. Silêncio Fundador, aquele que é necessário aos sentidos: sem silêncio não há sentido. É o silêncio que existe nas palavras, que as atravessa, que significa o não-dito e que dá um espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar. [...] 2. Política do Silêncio. Neste caso temos o Silêncio Constitutivo, que nos indica que para dizer é preciso não dizer, em outras palavras, todo dizer apaga necessariamente outras palavras produzindo um silêncio sobre os outros sentidos e o Silêncio Local, ou Censura, que remete propriamente à interdição: apagamento de sentidos possíveis, mas proibidos, aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura. As duas formas de silêncio acompanham qualquer discurso, qualquer processo de produção de sentidos. Mas elas funcionam de maneira diferente. (ORLANDI, 2008, p. 128)

Desse modo, Orlandi (2008) aponta duas formas de silêncio: o silêncio fundante “quer dizer, o silêncio é a matéria significante por excelência, um *continuum* significante. O real da significação é o silêncio”; e o silêncio como política de censura que “pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência).” (2007, p. 29). Portanto, o silêncio fundador dá significado às palavras, implica em inúmeras relações de significados; o silêncio constitutivo é aquele que traz à tona o não-dito no discurso e o silêncio como agente de censura, que se refere a tudo o que não se pode dizer por motivos circunstanciais.

Em *Terra caída*, é possível perceber o silêncio como parte da “retórica do oprimido”, uma forma de resistência diante dos desmandos cometidos no seringal. Um exemplo disso se dá quando, ao chegar à casa do seringueiro Chico Bento, o capataz do desumano coronel Tônico Monteiro, Tomaz, além de três comboeiros, não tomam nenhuma atitude quando os 30 burros que vinham em comboio, destroem toda a plantação ali existente:

Saindo do estreito varadouro, a burralhada espalhou-se na clareira da barraca, por entre as viçosas touceiras de legumes que se enfileiravam no terreiro.

Foi uma devastação rápida. Cansados e famintos, os animais repastaram-se nas moitas de feijão ainda verde, no louro do milharal já pendurado. O que escapou das trinta bocas gulosas foi pisado e estragado pelas patas.

Ao verem aquela destruição, a mulher e a filha de Chico Bento puseram as mãos na cabeça. Tímidas diante da atitude impassível dos homens do comboio, não ousaram reclamar” (POTYGUARA, 2007, p. 19)

Diante da indiferença dos homens de confiança do patrão que testemunhavam aquela destruição, a mulher e a filha de Chico Bento ficam em silêncio, não como ato de covardia ou submissão, mas por saberem da agressividade e violência que marcavam a conduta desses homens, principalmente de Tomaz, homem de confiança do coronel. Assim, para permanecer vivendo ali, era necessário seguir algumas regras e uma delas impedia a prática da agricultura. A justificativa dada pelos patrões, a exemplo de coronel Tonico Monteiro, era que tal atividade atrapalhava a coleta do “leite da seringueira”, o látex. Além disso, isso diminuía os lucros com a venda das mercadorias do armazém, que também pertencia ao dono do seringal.

David Le Breton (1997, p. 17) afirma que “O silêncio e a palavra não são contrários, um e outro são activos e significantes, o discurso não pode existir sem a sua ligação mútua.”. O silêncio não acaba com a linguagem, muito pelo contrário, muitas coisas são “ditas” através dele. Discursos são criados e recriados, sentidos são construídos e reconstruídos a partir do silêncio, seja através do olhar, dos gestos ou dos sentimentos. Segundo Eni P. Orlandi (2008):

Se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez, é o não-dito visto do interior da linguagem. Não é o vazio da linguagem. É o silêncio significante. [...] Significa que o silêncio é a garantia do movimento dos sentidos. Sempre se diz a partir do silêncio. (ORLANDI, 2007, p.23)

Os dois autores corroboram a ideia de que não há vazio no silêncio e que, portanto, não deve ser visto como negativo. É no silêncio que as mais diversas formas

discursivas acontecem e se relacionam gerando outros significados e discursos.

## A presença/ausência feminina no ciclo da borracha

A história social das mulheres nos seringais durante o período de auge na produtividade da borracha é bastante controversa. Enquanto alguns autores afirmam que elas não existiram neste espaço, outros apontam sua existência. A figura feminina se fez presente sim nesse processo, embora em menor quantidade se comparada à presença masculina. Cristina Scheibe Wolf em *Mulheres da Floresta* nos apresenta alguns dados:

Mas em 1904, quando do primeiro recenseamento realizado por ordem do recém-chegado prefeito do Departamento do Alto Juruá, embora incompleto, em 112 seringais foram contadas 6.974 pessoas sendo 5.087 homens e 1.887 mulheres. Isso mostra que, dessa população, 27% aproximadamente eram mulheres, porcentagem bastante significativa que não pode ser simplesmente ignorada. (WOLF, 1999, p. 41)

É importante refletir sobre esse discurso de que não havia mulheres no seringal: em quais condições esse discurso foi produzido? Obviamente existiam mulheres no seringal, só que eram em número bastante reduzido. Diante de dados como esse acima, mesmo que incompletos, não se pode nem se deve negar sua presença, como corrobora Cristina Scheibe Wolff em: “Era bastante comum que alguns empregados fossem acompanhados por esposas ou companheiras, que participavam então dos trabalhos do dia-a-dia do seringal.” (1999, p. 68). Os chamados “trabalhos do dia-a-dia” eram cuidar do lar e dos filhos. Os trabalhos que as mulheres exerciam no seringal não eram vistos como “trabalho”, eram considerados invisíveis, uma vez que, além de serem minoria, a tarefa de cuidar da casa era considerada menos importante.

No entanto, sabe-se que mesmo que a história escreva que não, além das muitas mulheres que tinham seus afazeres domésticos, havia também as que iam para o seringal fazer o “corte da seringa”. E mesmo que não se possa negar a atuação de algumas nesse processo, não eram respeitadas por tal feito.

Sobre a questão da divisão sexual do trabalho, Carlos Alberto Alves Souza em *Aquirianas* apresenta que:

Quando se fala em “soldado da borracha” ou quando se fala de trabalho nos seringais, fala-se somente de homens. Os historiadores se esquecem de que um grande número de mulheres também veio para o Acre durante a 2ª Guerra Mundial<sup>4</sup>. [...] Essas mulheres [...] cortaram seringa, chefiaram a casa, tomaram conta dos irmãos, dos pais e sustentaram a família com seu trabalho. [...] No máximo, foram lembradas por historiadores como esposas e filhas dos “soldados da borracha”, tratadas como se fossem estorvos ou “atrapalhos” para o nordestino migrante. (SOUZA, 2010, p. 101)

Cleusa Maria Damo Ranzi em *Raízes do Acre* ilustra muito bem sobre a mulher trabalhando na extração do látex:

O aumento crescente dos preços da borracha e a necessidade sempre maior de braços, fez com que algumas modificações fossem se fazendo sentir nos seringais, principalmente em razão de que alguns nordestinos conseguiram buscar suas famílias no Nordeste. A presença destas, aliada às uniões isoladas que principiavam a verificar-se com mulheres chegadas à região, propiciaram condições para que a fixação começasse a tomar forma, fazendo com que a presença feminina nos seringais do Acre passasse a ser permanente, de maneira a possibilitar que o seringal deixasse de ser um acampamento de homens para tornar-se, aos poucos, um empreendimento socioeconômico organizado, no qual cabia à família recém transplantada a função de estruturar e desenvolver bases dignas e humanas para a sociedade que se formava. (RANZI, 2008, p. 233)

Poucas eram essas figuras femininas, uma vez que eram consideradas “improdutivas” e, com base nisso, não era conveniente sua participação na extração do látex, pois esta era considerada uma atividade perigosa e pesada. Era mais “interessante” não ter mulher, pois a força física do homem era o que importava e trazer a mulher implicava trazer também seus filhos e isso aumentava os custos/gastos com passagem e alimentação, por exemplo, além de significar o crescimento de sua dívida no armazém do patrão. Dívida esta que era quitada com a produção da borracha. Caso o seringueiro não conseguisse pagá-la, ficava impedido de sair do seringal. Isso era o que ocorria com maior frequência, uma vez que os preços de

---

<sup>4</sup> Apesar de não pertencer ao período temporal trabalhado nesse artigo, percebe-se que continuou prevalecendo a divisão sexual das tarefas, mesmo após o “apogeu” da borracha.

alimentos e utensílios, comprados por ele nesse estabelecimento comercial, eram exorbitantes, o que tornava difícil a quitação de seu débito.

Assim, à medida que ia aumentando o seu endividamento, o seringueiro ia se tornando refém desse sistema de trabalho que, em muito, se assemelha à escravidão, capaz de submetê-lo à exploração e ao silenciamento. Portanto, muitos homens, assim como as mulheres, foram explorados e alimentaram a ganância e os caprichos de donos de seringal.

Se por um lado havia desvantagens como as dívidas e o adiamento do retorno para casa, por outro, a presença feminina nos seringais trazia também vantagem, pois com a mulher no seringal, o homem se fixava no local.

Vários autores destacam o “incômodo” que era ter mulher no seringal, pois elas apenas serviam para endividar mais o seringueiro e atrasar sua sonhada volta para a terra natal. [...] Porém outros autores, [...] alertam para a importância da presença das mulheres nos seringais do Acre, alegando vantagens como a fixação do homem à terra. (WOLFF, 1999, p. 84)

Na obra *Terra Caída*, de Potyguara (2007) também aparece a figura da mulher que atrapalha, que causa transtornos. No fragmento abaixo, a personagem após perder mais um de seus filhos, adocece e conseqüentemente requer cuidados por parte do marido, e isso acaba dificultando a vida do seringueiro.

A morte de outro filho, de maneira tão trágica, quase enlouqueceu a mulher. Tomada de pavor, não se separa do marido um instante. Quando ele falou em ir trabalhar, ela ajoelhou-se e implorou, chorando, que não as deixasse, a ela e à filha, sozinhas na barraca. Não o perde de vista. Até para tomar banho no igarapé, ali perto, logo atrás do terreiro da cozinha, Chico Bento tem de acompanhá-la. O pior é que, de modo algum, concorda em continuar morando ali - ‘socada na mata que nem bicho!’, diz ela. (POTYGUARA, 2007, p.53).

Contrariando essa justificativa da ausência feminina que apresenta a mulher como improdutiva ou que atrapalha o trabalho no seringal, no mesmo romance, também se referindo a essas mesmas personagens femininas, está o diálogo estabelecido entre Chico Bento e o coronel:

- Estou informado de tudo, Chico Bento. Porém, o rapaz não tem culpa: cumpre as minas ordens. De fato, não permito a seringueiro nenhum abrir roçado na minha propriedade.
- Mas, coronel, meia dúzia de pés de milho, de feijão e mandioca não é roçado! – Responde Chico Bento.
- Sim. Mas sempre rouba tempo ao trabalho da seringa.
- Aquilo foi plantado em hora de folga e limpado de enxada por minha mulher e minha filha. Não roubou tempo. Apesar de *brabo*, em quatro meses eu já fiz seis borrachas. (POTYGUARA, 2007, p.53).

Assim, essas mesmas personagens femininas que em um momento aparecem fragilizadas pelas tristes circunstâncias, depois aparecem como pessoas que produzem, que trabalham, juntamente com o seringueiro Chico Bento, na plantação. Embora a limpeza do plantio, seja considerada um “auxílio” ao seringueiro, fica o indício de que elas tinham participação nas atividades produtivas desenvolvidas no seringal. No caso dessa família retratada por Potyguara, graças à produção agrícola conquistada também com o trabalho produzido por mão femininas, o seringueiro conseguiu abandonar a produção da borracha e a viver exclusivamente disso, o que lhe proporcionou uma maior liberdade diante dos desmandos do coronel, como ele mesmo chega a revelar:

- Coronel, quando eu abandonei a seringa e lhe arrendei uma beira de barranco, deixei de ser escravo! Nosso trato foi cumprido: paguei meu débito de seringueiro, vivo do meu trabalho e nada lhe devo. Portanto, não adianta gritar, porque eu não tenho medo de grito! (POTYGUARA, 2007, p.237).

Infelizmente, essa liberdade durou pouco tempo, pois as águas, ao final dessa narrativa ficcional, destruíram/arrastaram toda a plantação, bem como a esperança de uma vida melhor, conduzindo-o à decisão de retornar ao Ceará, juntamente com esposa e filha.

Se por um lado, alguns escritores citam a presença da mulher no seringal como algo negativo, por outro, a sua escassez também trazia problemas, entre eles havia a disputa pelas poucas que habitavam o espaço do seringal.

Ausentes os maridos o dia inteiro, no trabalho da seringa, seria uma imprudência deixar as mulheres sozinhas naquele ermo de floresta infestada de onças e de índios, além de duzentos homens, quase todos solteiros, transformados, pelo problema do sexo, em perigosas feras humanas. (POTYGUARA, 2007, p. 17)

Os poucos seringueiros que tinham mulher, em algumas situações, precisavam usar de violência para assegurá-las. É possível ilustrar tal situação com mais uma passagem da obra de Potyguara (2007):

Corri e entrei na barraca. Nem lhe conto: dentro do quarto, caída na paxiúba do soalho, Regina gritava e esperneava. Por cima, bufando que nem cavalo de lote, Bastião... forcejava pra levantar a saia dela. Quando cheguei, ele começou a tremer. Não hesitei: puxei bala pra agulha e descarreguei toda a carga do rifle no monstro. Doze tiros! (POTYGUARA, 2007, p. 134)

Nesse contexto, os homens passavam por um processo de brutalização, transformam-se em verdadeiras “feras” e cometem traições e violências. Na passagem acima, Zeferino ao descrever o episódio da tentativa de estupro, compara Bastião a um animal: “bufando que nem cavalo”, “monstro”, que além de cometer tamanha agressão contra sua esposa, traiu a grande amizade que existia entre os dois.

Regina, a mulher de Zeferino, após ser quase violentada pelo amigo do seu marido, revela: “- Conhecendo o gênio do meu marido, eu não contava a ele as propostas do Bastião. Queria evitar uma desgraça. Por isso, pedia que mandasse ele embora.” (POTYGUARA, 2007, p. 134). Nota-se, nesse caso, que o silêncio não era por conivência, a mulher não revela o assédio sofrido por medo da violência, da brutalidade de seu marido.

Por ser raridade, a figura feminina era objeto de cobiça por onde passava. Assim, ela acabava sendo considerada mercadoria, objeto de disputa e troca.

Às vezes, com turmas de *brabos*, os agenciadores levavam para os seringais algumas decaídas, infelizes criaturas que, reduzidas à humilde condição de mercadorias, eram *cedidas*, mediante

indenização da passagem acrescida de bom lucro. Como todo comércio, também aquele sofria a influência da lei de oferta e procura. A escassez, anulando qualquer escrúpulo na seleção, valorizava a mercadoria, independentemente de condições de raça, ripo, cor, procedência, educação e até higiene. (POTYGUARA, 2007, p. 15-16)

Essa situação em que a “a mulher era fruta rara” (POTYGUARA, 2007, p. 15), acaba criando um comércio em que ela considerada “artigo” com grande procura e de muito valor econômico. Assim, “Quando falecia um seringueiro casado e endividado, o patrão logo se apossava da mulher como caução da dívida. Não faltava pretendente disputando a viúva. Mas, para isso, tinha que pagar todo o débito do morto. (POTYGUARA, 2007, p. 15).

Ao mesmo tempo em que a opressão feminina<sup>5</sup> estava muito presente, cabe ressaltar que nem todas se deixavam silenciar. Algumas optavam por ser prostitutas, outras se recusavam a assumir papéis que na sociedade são classificados como tipicamente femininos (cozinhar, costurar, limpar a casa, as roupas e cuidar dos filhos): “Estas não desempenhavam os papéis que estavam sendo delineados para elas nas relações de gênero, e assumiam papéis informais. [...] optavam pela “carreira” de prostituta.” (Wolff, 1999, p. 82-83) A prostituição em alguns casos era administrada pelos próprios seringalistas mas, muitas vezes, cabia aos regatões tal tarefa. Segundo Souza, “muitas dessas prostitutas, também, que habitavam as cidades amazônicas foram trazidas por regatões-comerciantes que subiam e desciam os rios amazônicos comprando borracha”. (2010, P. 78)

Carlos Alberto de Souza em *Aquirianas* aponta, em seu discurso, que as mulheres tinham a ciência de que eram vistas e tratadas como mercadorias, mas a ideia de “melhorar de vida” fazia com que elas “aceitassem” essa situação:

É importante dizer que, mesmo vindo como se fossem mercadorias, essas mulheres “aceitavam” essa situação como saída para que pudessem sonhar com uma nova vida, com um possível casamento e com uma família própria. [...] Tinham consciência de que estavam

---

<sup>5</sup> Expressão usada por Gayle Rubin quando analisa a questão da “circulação de mulheres” em *The Traffic in Women*. O fragmento é citado por Cristina Scheibe Wolff em *Mulheres da Floresta: uma história*. (1999, p. 81/82).

tentando sair de uma situação de miséria em que se encontravam no Nordeste. (SOUZA, 2010, p. 77/78)

Rosinha, personagem de *Terra Caída*, vivendo apenas com sua mãe cega, acabou tornando-se prostituta e, em determinado momento, revela seus motivos:

Por sinceridade, pra não enganar o noivo, desmanchei o noivado. Hoje, por necessidade, pra não passar fome, sou mulher de muitos... de qualquer um... de moços ou velhos... Nem tenho direito de escolher! Sei que o seringal inteiro fala mal de mim. Não importa! É melhor ser como eu sou do que ser casada e proceder que nem a Anália do Tibertino. (POTYGUARA, 2007, p. 177)

Com relação à Anália, mesmo casada, mantinha relações sexuais com o coronel em troca de “favores”. Já Rosinha, com o passar do tempo vai entristecendo, ao mesmo tempo em que vai silenciando as suas dores e a sua voz: “Sempre calada, nunca mais cantou.” (POTYGUARA, 2007, p. 253)

Diante de tudo isso, se inicialmente a ocupação dos seringais acreanos era tipicamente masculina, com a chegada das mulheres, trazidas por seus maridos ou não, as famílias foram sendo formadas e, embora ainda houvesse grande diferença no quantitativo de homens e mulheres nos altos rios, era preciso reorganizar os modos de trabalho e isso fazia com que, muitas vezes, as relações de gênero fossem improvisadas. Criavam-se estratégias de sobrevivência para garantir a subsistência naquelas regiões. Nesse processo de formação das famílias, a mulher era um elemento estabilizador, uma vez que cabia à ela cuidar do plantio, dos filhos e do próprio marido.

Dentro da família nos seringais, estereótipos eram reforçados e como consequência, a hierarquia de gênero era e ainda é muito acentuada: as mulheres pouco aparecem, não interagem nas conversas masculinas, estão sempre à margem. Esse apagamento é bastante marcado nas relações familiares, a mulher sempre responsável por gerir a vida cotidiana, o que não é pouco. Em *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*, Michelle Perrot trata muito bem dessa questão:

Essa exclusão das mulheres pouco condiz com A Declaração dos direitos do homem, que proclama a igualdade entre todos os

indivíduos. As mulheres não seriam “indivíduos”? [...] É um discurso naturalista, que insiste na existência de duas “espécies” com qualidades e aptidões particulares. Aos homens, o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos. (PERROT, 1988, p. 177)

No entanto, essa exclusão não significa dizer que essas mulheres não falavam, “é óbvio que não se esperava que [...] mulheres [...] ficassem em silêncio o tempo todo. [...] as mulheres falavam com as mulheres [...] ou respondiam para seus maridos.” (Burke, 1995, p. 173)

Em *Terra Caída*, um fragmento do diálogo estabelecido entre duas mulheres, dona Maroca e Elza, traz algumas curiosidades:

– Eu não sou valente. Acho que valentia é pra homem.  
Mas, aqui em casa, estamos prevenido...  
Abrindo uma gaveta da cômoda, retira dois revólveres:  
– Olhe aqui. Este é o maior, .38 duplo, é do Conrado; e este menorzinho é meu. Nas minha orações, peço a Deus nunca necessitar utilizá-lo contra ninguém. Mas, se for preciso ... Só em defesa, é claro. Pra defender meu marido ou um anjo como você... Ah!, eu atiro! E atiro na barriga, pra não errar!! (POTYGUARA, 2007, p. 221)

Maroca é uma personagem marcada pela coragem e sinceridade, é esposa do guarda-livros Conrado, o seu oposto, pois é covarde e medroso. Ela, após tomar conhecimento que o coronel Monteiro estava assediando a professora Elza, se prontifica imediatamente a defender a amiga e vizinha, apesar de revelar em sua fala que “valentia é pra homem”.

Em conversa com seu marido, fica evidente a franqueza dessa mulher:

E seu Conrado, blasonando coragem:  
– Também não seria assim! O coronel não contava só com os dois soldados. Na hora do perigo, tudo pegava em arma: eu, o Paulinho, os caixeiros, Mr. Scott, o Trindade.  
Com uma gargalhada, dona Maroca fez-lhe parar a contagem nos dedos. Aborrecido, ele perguntou:  
– De que você ri?

E ela, sem poder conter o riso:

– Havia de ser engraçado: tu, que não és disso, o inglês, às voltas com os vinte e quatro cachimbos, e o velho Trindade, de muleta, pulando numa perna só, no meio do tiroteio! Então, não é pra gente achar graça? (POTYGUARA, 2007, p. 221)

Essa personagem leva à reflexão sobre as mulheres que habitavam os seringais amazônicos. Seriam elas submissas e frágeis, responsáveis unicamente pelos afazeres domésticos, conforme descrições de alguns escritores?

## Considerações finais

Após refletir sobre o processo de invisibilidade/silenciamento da figura feminina durante as primeiras décadas do ciclo da borracha (final do século XIX e início do século XX), é possível constatar que a presença das mulheres nos seringais da Amazônia nesse período, apesar de escassa, foi de grande importância, pois possibilitou a organização social na região. No entanto, até que as mulheres conseguissem “provar” que eram tão capazes quanto os homens de trabalhar na extração do látex nos seringais, o caminho foi doloroso, houve tentativas de silenciá-las e de oprimi-las violentamente. No entanto, não se pode dizer que esse silenciamento era sinônimo de aceitação, muito pelo contrário, calar-se também é uma forma de resistir.

O apagamento da figura feminina se deu tanto pela escassa presença de sua figura nos seringais durante o auge da produção da borracha quanto pela voz silenciada ou desconsiderada dentro das suas próprias relações familiares e também nas relações de trabalho.

Nas relações de opressão, as mulheres viviam sob a ideologia do dominador e neste contexto, a comunicação era feita através do silêncio. Esta era “a posição das mulheres em muitas culturas, como um grupo “silenciado” que tem que estruturar seu mundo por meio dos modelos e do vocabulário do grupo dominante.” (BURKE, 1995, p. 164)

Esse apagamento era “feito” pela figura masculina, inclusive dos maridos que desqualificavam as atividades que suas esposas exerciam. E a história deu continuidade a esse silenciamento, ignorando as vozes femininas em seus registros oficiais, portanto, não deixando documentos suficientes a esse respeito.

Foi preciso que elas iniciassem o processo de mudança para romper com os velhos estigmas impostos pela figura masculina, opressora e dominante, e lutassem pela sua voz e pelo reconhecimento do seu trabalho nos seringais. Suas presenças foram muito importantes tanto para a estabilidade das relações familiares, quanto para o próprio processo de extração do látex.

Embora o objetivo do presente texto não seja realizar a análise literária do romance *Terra Caída*, de José Potyguara, ela contribuiu, principalmente com suas personagens femininas, para a realização da reflexão a respeito do silenciamento imposto às mulheres que viviam nos seringais amazônicos. Nesse sentido, a literatura pode ajudar a ilustrar melhor todo esse processo de apagamento da figura feminina, ajudando a ouvir a sua voz e os seus silêncios.

A história não pode nem deve excluir as mulheres de uma cultura da qual também fizeram e fazem parte. Silenciar também é uma forma de resistir, portanto, durante as primeiras décadas do ciclo da borracha nos seringais, o silêncio foi o território da resistência da figura feminina.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BURKE, Peter. *A arte da conversação*. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- FERREIRA, Yvonélio Nery. *Percursos do silêncio: as narrativas de Luiz Vilela*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.
- LE BRETON, David. *Do silêncio*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e Texto: formulação e circulação de sentidos*. Campinas, SP: 3ª Edição Pontes Editores, 2008.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1988.
- POTYGUARA, José. *Terra Caída*. 3 ed. São Paulo: Globo, 2007.

RANZI, Cleusa Maria Damo. *Raízes do Acre*. Rio Branco, AC: EDUFAC, 2008.

SOUZA, Carlos Alberto Alves. *Aquirianas: mulheres da floresta na história do Acre*. Rio Branco: Instituto de Pesquisa, Ensino e de Estudos das Culturas Amazônicas, 2010.

WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999.

### **A FIGURA FEMININA NO SERINGAL: VOZES SILENCIADAS**

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo realizar uma reflexão centrada na figura feminina e seu silenciamento nos seringais amazonenses, durante as primeiras décadas do ciclo da borracha (final do século XIX e início do século XX). Para tanto, foi utilizada pesquisa bibliográfica a fim de apresentar e refletir sobre os posicionamentos de alguns teóricos sobre o silêncio como David Le Breton (1997), Eni P. Orlandi (2007), Peter Burke (1995) e Mikhail Bakhtin (1999) e sobre a presença da mulher no seringal através de Cristina Scheibe Wolf (1999) e Michelle Perrot (1988). O tema do silenciamento na temática feminina foi abordado a partir da concepção de que a mulher é um dos grupos que foram silenciados pela historiografia tradicional, principalmente durante o auge da borracha. Posteriormente, foi apresentada a presença feminina nos seringais durante a segunda metade do século XIX, apontando como se dava esse apagamento da figura feminina e desconstruindo a ideia que a história oficial sempre reforçou em que a mulher, geralmente, aparece como um ser subalternizado. Conclui-se que a história não pode nem deve excluir as mulheres de uma cultura da qual também fizeram e fazem parte. Silenciar também é uma forma de resistir, portanto, durante as primeiras décadas do ciclo da borracha nos seringais, o silêncio foi o território da resistência da figura feminina.

**Palavras-chave:** Silenciamento; mulher; borracha; seringal.

### **THE FEMALE FIGURE IN THE RUBBER TREE: SILENCED VOICES**

**Abstract:** This article aims to carry out a reflection centered on the female figure and its silencing in the Amazon rubber plantations during the first decades of the rubber cycle (late nineteenth and early twentieth century). For this, a bibliographical research was used to present and reflect on the postures of some theorists on silence such as David Le Breton (1997), Eni P. Orlandi (2007), Peter Burke (1995) and Mikhail Bakhtin (1999) and On the presence of the woman in the rubber tree by Cristina Scheibe Wolf (1999) and Michelle Perrot (1988). The theme of silencing in the feminine theme was approached from the conception that the woman is one of the groups that were silenced by the traditional historiography, mainly during the heyday of the rubber. Subsequently, the female presence in the rubber plantations was presented during the second half of the nineteenth century, pointing out how this erasure of the female figure occurred and deconstructing the idea that official history has always reinforced in which the woman usually appears as a subalternized being. It follows that history can not and should not exclude women from a culture of which they have also made and are part. Silencing is also a way of resisting, so during the first decades of the rubber cycle in the rubber plantations, silence was the territory of resistance of the female figure.

**Keywords:** silencing; woman; eraser; seringal

### **LA FIGURA FEMENINA EN LA PLANTACIÓN DE CAUCHO: VOCES SILENCIADAS**

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la figura femenina y su silenciamiento en los seringales amazonenses, durante las primeras décadas del ciclo del caucho (final del siglo XIX e inicio del siglo XX). Para tanto, ha sido utilizada pesquisa bibliográfica a fin de presentar y reflexionar sobre las ideas de algunos teóricos sobre el

---

silencio como David Le Breton (1997), Eni P. Orlandi (2007), Peter Burke (1995) y Mikhail Bakhtin (1999) y sobre la presencia de la mujer en el seringal a través de Cristina Scheibe Wolf (1999) y Michelle Perrot (1988). El tema del silenciamiento en la temática femenina ha sido abordado a partir de la creencia de que la mujer es uno de los grupos que han sido silenciados por la historiografía tradicional, principalmente durante el apogeo del caucho. Posteriormente, ha sido presentada la presencia femenina en los seringales durante la segunda mitad del siglo XIX, señalando cómo ocurría esa borradura de la figura femenina y desconstruyendo la idea que la historia oficial siempre ha reforzado en que la mujer, generalmente, aparece como un ser subalternizado. Se concluye que la historia no puede ni debe excluir a las mujeres de una cultura de la cual también han hecho y hacen parte. Silenciar también es una forma de resistir, por lo tanto, durante las primeras décadas del ciclo del caucho en los seringales, el silencio ha sido el territorio de la resistencia de la figura femenina.

**Palabras clave:** silenciamiento; mujer; caucho; seringal

---

***Submetido em Março de 2017***  
***Aprovado em Junho de 2017***